

(DES)CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE NA GUERRA COLONIAL EM MOÇAMBIQUE: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM LUÍS ALEX DE A COSTA DOS MURMÚRIOS DE LÍDIA JORGE

DECIVILIZATION AND BARBARISM IN THE COLONIAL WAR IN MOZAMBIQUE: AN ANALYSIS OF THE CHARACTER LUIS ALEX OF A COSTA DOS MURMÚRIOS BY LÍDIA JORGE

Adriano Carlos Moura¹

Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves²

RESUMO: Estudo de caso é um método comumente empregado em pesquisas com objetos do mundo concreto, indivíduos ou pequenos grupos sociais. Este trabalho propõe tal emprego para análise de um sujeito do universo ficcional: o personagem Luís Alex do romance *A costa dos murmúrios* (2004) da romancista portuguesa Lídia Jorge. Pretende-se compreender o processo que fez com que o estudante de matemática, noivo apaixonado pela protagonista e narradora Evita/Eva Lopo se transformasse a seus olhos num soldado capaz de degolar pessoas, fincar suas cabeças em paus exibindo-as como troféus durante a guerra colonial em Moçambique. Inicialmente o personagem será estudado sob a perspectiva de Aimé Césaire de que a colonização em vez de cumprir sua missão civilizadora transformou o colonizador em bárbaro. Buscar-se-á, pelas mudanças ocorridas com o personagem no decorrer da narrativa, quais fatores contribuíram para tal inversão e em que momento da vida dele isso ocorreu. A hipótese levantada, sustentada pelo conceito de devir em Gilles Deleuze e Félix Guattari, é de que o personagem, como qualquer ser humano, guarda em si devires animal, fera, máquina de guerra, além de possibilidades identitárias que podem escapar ao domínio consciente e racional.

Palavras-chave: *A costa dos murmúrios*; devir; literatura portuguesa; Lídia Jorge.

ABSTRACT: Case study is a method commonly employed in research with concrete world objects, individuals or small social groups. This paper proposes such employment for the analysis of a subject of the fictional universe: the character Luís Alex of the novel *A costa dos murmúrios* (2004) by the Portuguese novelist Lídia Jorge. It is intended to understand the process by which the math student, fiancé in love with the protagonist and narrator Evita / Eva Lopo became a soldier capable of beheading people, putting their heads on clubs and display them as trophies during the war colonial times in

1 Professor de Literatura do curso de Letras do IF Fluminense e doutorando em Estudos Literários (UFJF). E-mail: adriano.moura@iff.edu.br

2 Professora associada II da Universidade Federal de Juiz de Fora e doutora em Letras pela University of Texas System. E-mail: acmoura36@yahoo.com.br

Mozambique. Initially, the character will be studied from Aimé Césaire's perspective that colonization instead of fulfilling its civilizing mission transformed the colonizer into a barbarian. We will seek, by the changes that have happened with the character in the course of the narrative, what factors contributed to that inversion and in what moment of his life. The hypothesis raised, supported by the concept of becoming in Gilles Deleuze and Félix Guattari, is that the character, like any human being, keeps in itself an animal, a beast, a war machine, as well as identity possibilities that can escape the conscious and rational domains.

Keywords: *A costa dos murmúrios*; devir; portuguese literature; Lídia Jorge.

INTRODUÇÃO

Aimé Césaire inicia o seu *Discurso sobre o colonialismo* (1978) declarando que a Europa é indefensável. O autor martinicano critica, em seu texto, as ações colonizadoras dos países europeus no continente africano pautadas por violência, assassinatos, genocídios, exploração e escravidão. A missão civilizadora em relação aos povos considerados bárbaros/selvagens da África fracassa duplamente. Primeiro por ter ficado claro que a cristianização e civilidade serviram apenas de álibi para que se perpetrasse a escravização dos negros e a exploração das riquezas do continente. Segundo porque a experiência colonial "descivilizou" o europeu, visto que este assumiu práticas consideradas bárbaras e selvagens as quais deveria combater.

No romance *A costa dos murmúrios* (2014), de Lídia Jorge, o conflito entre soldados e oficiais portugueses e o movimento anticolonial em Moçambique é narrado sob a perspectiva de Evita/Eva Lopo, um duplo de personagem, autor ficcional / narrador. A obra é introduzida por um conto, "Os gafanhotos", cuja trama se concentra na festa de casamento de Evita e Luís Alex, ex-estudante de matemática servindo como alferes na guerra. Os soldados e oficiais são surpreendidos pela notícia da morte de negros por envenenamento por álcool metílico, e cujos cadáveres são transportados por caminhões de lixo. O cenário é o Hotel *Stella Maris*, assolado por uma tempestade de gafanhotos, às vésperas de uma importante operação de guerra. O romance propriamente dito inicia-se depois do término do conto. Eva Lopo resolve recontar o episódio vinte anos depois do ocorrido, revezando-se ora como a personagem Evita do conto, ora como narradora, a representação da ambivalência de uma mesma personagem.

Não se pretende, porém, analisar o romance a partir da protagonista, tampouco a narrativa em si, mas tecer algumas considerações acerca do que se conceituará como devir-identitário, tendo o personagem Luís Alex, o noivo, como objeto de estudo, adaptando o método de estudo de caso a um sujeito ficcional, não a um ser humano real como comumente se faz, o que caracteriza o experimentalismo deste trabalho. Considerando a obra com características de romance histórico, a verossimilhança entre a figura ficcional e a possibilidade de existência de um sujeito real, cujas práticas de guerra sejam comuns, é possível reforçar o uso experimental da proposta metodológica. O conceito de devir será utilizado tendo como base teórica as conceituações de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Achille Mbembe, suas conclusões acerca do devir-negro do mundo e de necropolítica.

Buscar-se-á, por meio da análise da transição por que passa o alferes, confirmar a hipótese de que ele é reflexo do "asselvajamento" e da descivilização do colonizador,

como resultado da experiência colonial. Para tal, serão convocadas também para o estudo as reflexões de Aimé Cesaire sobre as relações do europeu e os povos submetidos à colonização.

DA IDENTIDADE HÍBRIDA AO DEVIR IDENTITÁRIO

O hibridismo é uma marca da experiência colonial. Impossível pensar as identidades tanto do colonizador quanto do colonizado como instâncias incólumes às influências que um exerceu sobre o outro. No que concerne ao plano linguístico, os africanos assimilaram mais da língua do europeu do que este daquele em virtude de as línguas nativas serem consideradas “menores”, além da multiplicidade linguística que compunha e compõe os países africanos. Arcaico e moderno, rural e urbano, popular e erudito, centro e periferia; são muitas as perspectivas por meio das quais se pode pensar o conceito de hibridismo, sobretudo se for considerado o estudo de Néstor Garcia Canclini, (2015) sobre o tema.

A obra de Canclini não se debruça essencialmente sobre o continente africano e suas ex-colônias, mas sobre a realidade da América Latina. Apesar disso, é possível perceber alguns pontos comuns acerca da experiência em relação ao que se convencionou chamar de modernidade ou culturas híbridas. Para o autor, na América Latina, as tradições ainda permanecem e o que os países considerados desenvolvidos chamaram de modernidade ainda não havia chegado.

Dentre as hipóteses de Canclini, pode-se citar a de que

a incerteza em relação ao sentido e ao valor da modernidade deriva não apenas do que separa nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam (CANCLINI, 2015, p.18).

Sobre a modernidade latino-americana, escreve:

Fomos colonizados pelas nações europeias mais atrasadas, submetidas à Contra-Reforma e a outros movimentos antimodernos, apenas com a independência pudemos iniciar a atualização de nossos países. Desde então, houve ondas de modernização. (CANCLINI, 2015, p.67).

Moçambique, no romance de Lídia Jorge, é um país apartado de qualquer experiência europeia de modernidade. Diferente das nações da América colonizadas pelos espanhóis, o país africano só alcançou sua independência em 1975, sendo a narrativa de *A costa dos murmúrios* ambientada no final da luta pela independência. Portugal era, então, corroborando o pensamento de Canclini, uma das nações mais atrasadas da Europa, como era também a Espanha.

Boaventura Sousa Santos (2013) desenvolve a tese de Portugal como um país paradoxal. Mesmo sendo europeu e tido como povo “aberto” e “afável”, Portugal é considerado pelo sociólogo uma nação relativamente desconhecida, estranha às demais nações da Europa. Aponta como uma das razões o isolamento causado pelos quarenta e um anos de ditadura do Estado Novo. Era centro em relação às colônias, mas periferia perante outros países, como Inglaterra e França.

Ser português é uma interpelação constante na história do povo luso desde que o mito camoniano passou a ser contestado. Retomando o objetivo do artigo, não se discorrerá sobre a identidade portuguesa em termos de construção coletiva, mas de um sujeito específico, personagem romanesco, expressão literária de uma série de devires possíveis.

Para Deleuze e Guattari, devir não significa correspondência, analogia, tampouco imitação. Os devires também não seriam mera imaginação. “Os devires animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são perfeitamente reais” (1997, p.18). Isso não significa que o homem se tornaria verdadeiramente um animal e animal outra coisa senão aquilo que é. Ocorre é que “O devir não produz outra coisa senão ele próprio” (1997, p. 19). Pensar a condição do sujeito partindo dessa perspectiva significa a compreensão da identidade como um construir-se contínuo, podendo emergir comportamentos por vezes imprevisíveis, paradoxais, estranhos ao próprio indivíduo ou ao que se concebe como humano civilizado. Não implica afirmar, porém, que não haja no ser humano características que lhe possam ser cristalizadas, mas que o sujeito abriga uma série de identidades e comportamentos possíveis de serem desencadeados. Identidade, portanto, não seria aquilo que fui, ou sou, tampouco o que virei a ser, mas o que pude ter sido, posso e poderei ser. A identidade abarcaria aspectos não apenas culturais, mas também políticos, biológicos, estéticos, éticos, físicos, psíquicos, ou seja, tudo que de uma maneira ou outra afetaria a noção que o sujeito constitui acerca de si mesmo e do outro.

Os dois filósofos afirmam que, em termos de devir, nada é produzido por filiação ou evolução, mas por aliança de seres de origens completamente distintas de forma comunicativa e contagiosa como a simbiose. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.19).

Em *A costa dos murmúrios*, Evita percebe em seu noivo uma obsessão em se parecer com Forza Leal, seu superior na companhia de guerra a qual pertence. Na análise da personagem, é por imitação que Luís Alex busca tal semelhança.

Contente, pede-me que me imagine alferes, que me imagine soldado, combatente, que me imagine às ordens do capitão. É difícil imaginar. Mas ele pede, tem o cabelo molhado, colado à cabeça, e as pastilhas espetam muito, põem-lhe as maçãs do rosto salientes como peras. Não é mais a pessoa com quem fiz namoro, a primeira pessoa com quem me deitei na carruagem do comboio, atravessando uma planície com lua (JORGE, 2004, p.71).

É importante destacar que tanto Evita quanto Luís Alex são personagens construídos por Eva Lopo, que também é um personagem, porém nascida da mente criadora de Lídia Jorge. Para evitar ambiguidades, as referências à personagem/narradora passarão a ocorrer sob o signo Eva Lopo/Evita. O noivo, diegeticamente, é um personagem de profundidade psicológica extrema, no plano da realidade vivida por Evita também. Advém daí a dificuldade de ela perceber sua unidade e coerência, talvez porque ele não as tenha. Em *A personagem da ficção* (2014), no capítulo em que se aborda especificamente a personagem romanesca, o crítico Antonio Cândido conclui que a noção que temos acerca de um outro ser é sempre incompleta e fragmentária. Eva Lopo/Evita podia descrever fisicamente o noivo, porém ao que havia para além da superfície seu acesso era apenas parcial. Os diferentes Luís Alex contidos no noivo lhe vão sendo apresentados ao longo da narrativa. Evita e Luís tinham avistado Helena e

Forza Leal pela beira do mar. Essa visão provoca o pedido que Evita se sente incapaz de atender. É o momento em que percebe que não se tratava mais do homem por quem se apaixonara: o jovem estudante de matemática.

“Mas se não me escapasse e se soubesse, não seria para dizer a Helena de Tróia a quem me une apenas um homem por ser a imitação de outro homem” (JORGE, 2004, p.109). Evita vê o noivo como uma imitação caricaturesca de Forza Leal. Porém, esta análise pretende interpretar as ações desse personagem não apenas pela perspectiva mimética. Cândido destaca o fato de os personagens ficcionais estarem relacionados com figuras reais, sem as serem, entretanto a verossimilhança torna possível a existência real do ser fictício. Por mais que não seja um personagem da história real de Moçambique, a existência de soldados como Luís Alex é totalmente possível no contexto de uma guerra como foi a colonial.

Segundo Cândido,

o romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica da caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes” (CÂNDIDO, 2014, p.58).

Assim é o conhecimento de Eva Lopo/Evita acerca do noivo. O leitor de *A costa dos murmúrios* acompanha a personagem/narradora na descoberta das várias identidades do noivo, e compreende sua unidade, compreensão que parece impossível à Evita, cujo acesso é apenas parcial e fragmentário. A ficção nos dá um conhecimento mais completo dos seres, diferente da imagem fragmentária que a vida real confere. Eis na trama de Lídia Jorge uma questão paradoxal: Eva Lopo compreende a unidade do noivo cujas características físicas e psicológicas ela descreve, enquanto Evita é interpelada por dúvidas e surpresas acerca do homem com quem se casara. Só depois de sua morte, antecipada ao leitor no conto que introduz o romance, é que Eva se sente capaz de perceber, não mais de forma fragmentária, o noivo. Seguindo ainda as palavras de Cândido: “Poderíamos dizer que um homem só nos é conhecido quando morre” (CÂNDIDO, 2014, p. 58). Consoante seu pensamento, somente depois da morte se pode elaborar uma interpretação completa dos seres, pois se estabelece um ponto definitivo. Ao romancista é dado o conhecimento pleno dos personagens que cria. Somente depois da morte os indivíduos deixam de produzir seus devires. Ou, seus devires já produzidos podem ser observados a partir de uma unidade espectral de figuras contrastantes habitantes de um mesmo corpo físico.

São nos agenciamentos constituídos pelas multiplicidades de termos heterogêneos que os devires animais do homem operam. Segundo Deleuze e Guattari, esses devires-animais não pertenceriam a agenciamentos como família e aparelhos de Estado, mesmo que neles surjam. Os autores se referem às sociedades secretas, de guerra, de crime.

A máquina de guerra é sempre exterior ao Estado, mesmo quando o Estado se serve dela, e dela se apropria. O homem de guerra tem todo um devir que implica multiplicidade, celeridade, ubiquidade, metamorfose, traição, potência e afecto. Os homens-lobo, os homens-urso, os homens-fera, os homens de toda animalidade, confrarias secretas, animam os campos de batalha (DELEUZE; GUATTARI, p.24-25).

Mais do que diferenciar espécies de animais, faz-se necessário estabelecer a distinção de seus diferentes modos e como são integrados às instituições sociais e aparelhos do Estado. Na guerra, o soldado é desprovido de toda sua humanidade, civilidade e racionalidade. Talvez, por isso emergja seu devir-fera, animal. Vive com os demais como matilhas ou alcateias, geralmente sob uma liderança, assim como ocorre aos cães e aos lobos. Luís Alex assume sua incapacidade para pensar racionalmente no campo de guerra. À ameaça da morte, não há espaço para que se racionalizem as ações, resta ao personagem a obediência às ordens ou o atendimento aos chamados do que lhe é mais instintivo, primitivo e também “selvagem”.

Lídia Jorge constrói perante os olhos do leitor e de Evita os contrastes entre a civilização representada pelo noivo professor de matemática e a barbárie do soldado, como no excerto a seguir:

Via-se nitidamente o pau, a cabeça espetada, mas o soldado que a agitava não era um soldado, era o noivo. Helena de Tróia disse – ‘Vê aqui o seu noivo?’ Ela queria que Evita visse. Era claro como a manhã que despontava que Helena de Tróia me havia trazido até àquela divisão da casa para que eu visse sobretudo o noivo (JORGE, 2004, p.145).

Helena exhibe a Evita uma sequência de fotos contidas numa caixa. Em algumas dessas fotos o homem que outrora fora seu noivo está irreconhecível não pela aparência, mas pelas ações que executa. Helena não lhe mostrou aquele material para que ela “visse” o noivo, mas para confrontá-la com o devir-fera-soldado do noivo. O homem que degolava cabeças já habitava o que investigava fórmulas matemáticas e com quem Evita se casara.

O noivo, Luís Alex, o alferes são diferentes nomes utilizados pela narradora para se referir a um mesmo personagem. Não se trata, porém, de recurso meramente coesivo como substituição por sinônimos, hiperônimos ou expressões que serviriam para recuperar um termo sintático sem repeti-lo. Cada nome esconde um sujeito, um devir-homem, soldado, professor, ou apenas o noivo de uma portuguesa que só por meio da construção narrativa é capaz de desvendar as possibilidades identitárias do homem que pensou que um dia conhecesse. Mas o que poderia transformar um sonhador professor de matemática português recém-casado com a mulher que ama num soldado degolador de negros em Moçambique?

A GUERRA COLONIAL E O “ASSELVAJAMENTO” DO COLONIZADOR

Aimé Césaire (1978) classifica como decadente, enferma e moribunda a civilização que não consegue resolver os problemas suscitados por ela, que fecha os olhos para eles e trapaceia com seus princípios. Assim, declara a Europa como indefensável, entendendo a condição colonial como um dos principais problemas gerados pelo Velho Mundo. A colonização estava longe do ideal de evangelização e propagação do progresso civilizatório, estando o colonizador mais para pirata, seviciador, aventureiro, comerciante com sede de ouro e outras riquezas.

Só mesmo a hipocrisia e a desonestidade do colonizador permitem igualar cristianismo à civilização e paganismo à selvageria, para ratificar o racismo e a violência praticados contra “Índios, amarelos e negros” (CESAIRE, 1978, p. 15).

A colonização descivilizou o colonizador, embrutecendo-o, degradando-o, despertando nele “instintos ocultos, para a cobiça, para a violência, para o ódio racial, para o relativismo moral, e mostrar que, sempre que há uma cabeça degolada e um olho esvaziado no Vietname e que em França se aceita (...)” (CESAIRE, 1978, p.17), há uma asselvajamento da Europa.

Compreendendo o personagem ficcional Luís Alex como espelhamento mimético de um real soldado a serviço da metrópole portuguesa em território africano, é possível considerá-lo exemplo do asselvajamento de que fala Cesaire no ensaio *Discurso sobre o colonialismo*

“O problema é que em tempos me apaixonei por um rapaz inquieto à procura duma harmonia matemática, e hoje estou esperando por um homem que degola gente e a espetta num pau” (JORGE, 2004, p. 182). O noivo transformara-se numa peça da máquina de guerra. Em *Necropolítica* (2018), Achille Mbembe afirma que na guerra das colônias o direito de matar não está sujeito a nenhum tipo de regra institucional. “As guerras coloniais são concebidas como a expressão de uma hostilidade absoluta que coloca o conquistador face a um inimigo absoluto”. (MBEMBE, 2018, p. 37). Esse inimigo, porém, não se trata de um sujeito oriundo do mundo dito “civilizado”, não era espanhol, francês, alemão, italiano; mas de um outro totalmente desprovido de humanidade pela ideologia colonialista e ao mesmo tempo uma ameaça ao império e ao próprio colono. O negro africano havia se tornado, desde a política de implantação da cultura de *plantation*, no sujeito cujo corpo se poderia violar, escravizar, matar, decapitar e exibir as partes como troféu. O devir-animal, o devir-objeto, inumano do corpo negro concedia ao europeu o “direito” de dele se apropriar.

O homem por quem Evita se apaixonara era o mesmo que exibia a cabeça de um negro numa estaca? Talvez. Em outra passagem do romance, ela procura respostas para o entendimento do que teria efetuado transformação tão radical na personalidade do noivo.

“Mas quando se tinha dado a mudança de Luís Alex? No momento em que reprovou em Astronomia? No momento em que soube da morte do campeão de vela? No momento em que entrou no quartel pela porta guardada pelo soldado de chapéu de ferro?” (JORGE, 2004, p.153). Para a narradora, a força que impelia o noivo à pesquisa da Matemática era a mesma que fazia dele um degolador de negros em Moçambique. Segundo ela, “Entre o bem e o mal uma mortalha de papel de seda” (JORGE, 2004, p. 154). Comparando com a experiência nazista, afirma ainda que “Os carrascos de Auschwitz poderiam ter estado perto duma importante descoberta no domínio da Bioquímica” (JORGE, 2004, p.154).

Hitler era um homem dedicado à pintura. Luís Alex, à matemática. Para Cesaire, o que fez o líder nazista entrar para história como assassino, genocida, foi o fato de ter imposto a povos brancos da Europa práticas de extermínio e tortura até então só aplicáveis às colônias. O crime de Hitler não foi violar os direitos de seres humanos, mas os de humanos brancos. Considerando a experiência argelina, Cesaire conclui que a colonização, violenta como foi imposta, é capaz de desumanizar o homem mais civilizado, se

fundada sobre o desprezo pelo homem indígena e justificada por esse desprezo, tende, inevitavelmente, a modificar quem a empreende, que o colonizador, para se dar boa consciência se habitua a ver no outro o animal, se exercita em tratá-lo como

animal, tende, objetivamente, a transformar-se ele próprio em animal (CESAIRE, 1978, p.23).

Seria então esse o processo por que passa o personagem Luís Alex?

O devir-máquina de guerra e animal-fera do noivo emergem no território onde ele faz matilha, alia-se a outras hordas e legiões no espaço onde qualquer ato de violência podia ser praticado contra os “selvagens desprovidos de humanidade” em nome do império, como atesta o filósofo Achille Mbembe:

O fato de que as colônias podem ser governadas na ausência absoluta de lei provém da negação racial de qualquer vínculo comum entre conquistador e o nativo. Aos olhos do conquistador, ‘vida selvagem’ é apenas outra forma de “vida animal”, uma experiência assustadora, algo radicalmente outro (alienígena). (MBEMBE, 2018, p.35)

A animalidade precisa ser entendida como a incapacidade dos bichos de agirem por meio da razão, sendo a razão característica apenas dos seres humanos. O homem é um animal racional e se diferencia dos demais seres por essa capacidade. Estaria o ser humano, portanto, dotado da capacidade de discernir entre o certo e o errado, entre o bem e o mal.

Luís Alex havia reprovado em Astronomia, Estatística e Probabilidade e confirma sua incapacidade para o raciocínio devido às circunstâncias da guerra.

“‘Não’ – disse ele, cabisbaixo, com as mãos imóveis. ‘Tenho de te dizer uma coisa – ter de fazer instrução e tropa, e guerra, e tudo isso, impede-me de pensar. Odeio tanto essa vida que não consigo pensar’” (JORGE, 2004, p.152).

É possível traçar um perfil do personagem como uma espécie de Adolf Eichmann, o nazista responsável pelo envio de milhões de judeus para morte nos campos de concentração, personalidade analisada pela filósofa Hanna Arendt, enviada para fazer a cobertura do caso em Jerusalém, onde o acusado foi julgado depois de sequestrado na Argentina onde se escondia? Segundo Arendt, Eichmann não era um monstro, psicopata, sujeito anormal que agia pelo simples prazer de praticar o mal. Tratava-se de um burocrata medíocre, cumpridor de ordens, às quais obedecia sem avaliar as consequências (morte de milhões de pessoas); porém sabendo da importância que a obediência teria para sua carreira. Pensar nas consequências da deportação para os campos de concentração não fazia parte das atribuições de Eichmann, preocupado demais em não desagradar seus superiores. O que mais queria Luís Alex além de mostrar a Forza Leal, seu superior, sua capacidade de igualar-se a ele, de obedecer cegamente às suas ordens?

A comparação parece absurda e de fato é, em certo ponto. Eichmann, diferente de Luís, era o burocrata que não manchava as mãos de sangue. Seus crimes de guerra foram praticados na assepsia de escritórios e assinatura de papéis. Os mortos do noivo mancharam sua farda de sangue. Ao ouvir Eichmann, Arendt destaca que sua incapacidade de falar estava diretamente afetada por sua falta de capacidade de pensar, no caso, pensar sob o ponto de vista do outro. O outro, em condições de guerra é sempre um inimigo a ser aniquilado. O judeu, no caso alemão; o africano, no caso português. O noivo, tal qual o nazista, orgulha-se por conseguir cumprir seu papel como soldado em Moçambique, o que confirma o que Arendt observa no comportamento do alemão: “Mas

vangloriar-se é um vício comum, e uma falha mais específica, e também decisiva, no caráter de Eichmann era sua quase total incapacidade de olhar qualquer coisa do ponto de vista do outro” (ARENDR, 1999, p.60).

A lógica aplicada às colônias era a mesma dos campos de concentração. Os negros moçambicanos estavam ali para serem mortos (houve um envenenamento em massa de negros por álcool metílico) pela instauração de uma política do Estado português, ou seja, tratava-se de um assassinato estatal, para o qual a burguesia do *Stella Maris* fechava os olhos, como o fez parte das nações do mundo para o holocausto.

Para Paula Jordão, o romance de Lídia Jorge é uma narrativa metaficcional que narra acontecimentos tidos como tabu para cultura portuguesa, como o assassinato de moçambicanos durante a guerra colonial e que questiona o romance como gênero totalizante e unificado. Evita é interpretada como contestadora da ordem dominante e ao mesmo tempo conivente com ela. Grande parte dos europeus sabia o que se passava nos campos de concentração, assim como muitos portugueses tinham a dimensão de que o que ocorria em Moçambique e Angola não era apenas um movimento militar de manutenção da ordem e dos territórios “pertencentes” a Portugal. Questionar o romance como gênero totalizante e unificado, segundo a pesquisadora, foi uma das tarefas da autora. A desta abordagem é questionar a totalização e unificação do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identidade é um tema que vem sendo constantemente investigado por diferentes áreas de conhecimento: filosofia, história, sociologia, antropologia, crítica literária. Este artigo procurou abordar o tema sob a perspectiva filosófica e teórica da literatura. Por mais verossímil que seja o personagem objeto do estudo, procurou-se abordá-lo sem se esquecer de que se trata prioritariamente de uma figura ficcional. Os romances, no entanto, cumprem não apenas uma função estética na sociedade, mas são capazes de provocar reflexões acerca da realidade empírica dos sujeitos que os leem, por apresentar mimeticamente a realidade sem os filtros censores impostos muitas vezes pelos documentos oficiais e historiográficos.

Analisar os comportamentos do noivo para além de simples comportamentos, mas como devires identitários, é resultado da necessidade de pensar as identidades desvinculadas dos modelos que se pretendem totalizadores. Paradoxalmente, mesmo a ideia de sujeito fragmentado pressupõe uma visão totalizadora. O que talvez perturbe na concepção deleuziana de devir é o abandono total das âncoras que sustentariam qualquer definição fechada acerca dos sujeitos.

As condições impostas pelas guerras exacerbam ainda mais as dificuldades de traço de um desenho pronto acerca de quem são os indivíduos expostos a situações onde as regras que separam o homem do mais selvagem dos bichos ou mítico das feras são abolidas. Nenhuma tentativa há, na presente argumentação, de justificativa para as atrocidades praticadas por Luís Alex, ou qualquer soldado real em território africano. Mas, parafraseando João Ubaldo Ribeiro no seu romance *Diário do Farol* (2002), o mal se propaga onde há terreno fértil. Haveria solo mais fértil do que uma guerra para qual eram enviadas pessoas para lutarem pela manutenção, por meio da força, de algo que na realidade nunca fora realmente seu?

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2015.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

DELEUZE e GUATTARI. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

JORDÃO, Paula. A costa dos murmúrios: uma ambiguidade inesperada. In: *Lídia Jorge por outras palavras*. Disponível em: <https://archive.org/details/lidiajorgeinothe-00jorg/page/n9>. Acesso em: 22 out. 2018.

JORGE, Lídia. *A costa dos murmúrios*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

_____. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2013.